

NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

Sensacional entrevista com Manuel da Nóbrega

Que é o Brasil? Como são os brasileiros? Há, afinal, possibilidade de aquele país ser aproveitado economicamente por Portugal? Que progressos se fizeram na colonização da terra, no trato com os índios? Leia, no próximo número, sensacional entrevista com o jesuíta Manuel da Nóbrega e verifique as respostas a tais perguntas.

«O Brasil é nossa empresa», declarou-nos Nóbrega, e Pai Tupã há de ajudar-nos a que nos desincumbamos bem.

Não perca, em nossa próxima edição, entrevista exclusiva com um dos heróis anônimos do serviço de Deus.

DE LUTO A CRISTANDADE

MORREU O PAPA

Roma, 10, novembro, 1549 (Urgente — Do correspondente)

Com 81 anos, morreu hoje Paulo III, o Papa que aprovou a Companhia de Jesus, inaugurou as sessões do Concílio Tridentino, autorizou o estabelecimento da Inquisição romana e incentivou o estudo da reforma interna da Igreja.

Paulo III foi sagrado Papa no dia 13 de outubro de 1534, substituindo, assim, Clemente VII, que havia morrido no mesmo ano. Sua posição independente na política desta época e suas tendências reformadoras foram as causas imediatas de sua eleição. Na ocasião, este jornal publicou noticiário a respeito.

A CARREIRA

Filho de Pedro Luís Farnésio e de Juana Caetani, Alexandre (este o seu no-

me laico), nasceu em Canino, no dia 28 de fevereiro. Seu pai queria que ele seguisse a diplomacia, mas, por desejos de sua mãe, entrou para a vida eclesiástica, onde muito cedo conseguiu cargos de importância, como o protonotariado e o cardinalato dado por Alexandre VI, no dia 21 de setembro de 1543.

Bispo de Cornetò em 1499, passou à Sé Apostólica de Parma em 1509, onde se destacou pela severa administração.

Esta mesma qualidade demonstrou na regência dos bispados de Túsculo (1513), Benevento (1515) e Óstia (1524), assim como nos cargos que obteve na Cúria.

(Outras notícias e dados biográficos completos, na pág. 2)



PAULO III
Consternado o mundo ocidental

Chega ao Brasil Governador Geral

Lisboa, 1º, fevereiro, 1549 (Do correspondente)

Com 320 funcionários a bordo, largou, hoje, de Belém, nes-

ta cidade, a esquadra que leva o novo governo do Brasil. A expedição, uma das mais caras já armadas em Portugal, consta de 6 embarcações: as

naus «Conceição», «Salvador» e «Ajuda»; duas caravelas e um bergantim. Na «Conceição» viaja o governador Tomé de Sousa. Os comandantes dos navios são: da «Salvador», Antônio Cardoso; da «Ajuda», Duarte de Lemos. A caravela «Leoa» tem o comando de Pero de Góis e a «Rainha» o de Francisco da Silva.

A esquadra conduz, pela primeira vez, vários missionários jesuítas: Manuel da Nóbrega, Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, os irmãos Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

CHEGADA AO BRASIL

Bahia, 29, março, 1549 (Do correspondente)

Depois de quase dois meses de viagem, chegou, hoje, a esta cidade, o governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa.

Mais de mil portugueses pisaram hoje o solo brasileiro. Entre estes há fidalgos, homens de letras, escrivães com seus tinteiros de osso, lavradores e soldados. A esquadra ancorou junto ao antigo porto de Francisco Pereira, há muito abandonado. Na praia, à espera do governador, estava Caramuru, que há dias recebeu uma carta pessoal do rei D. João III, encomendando o novo governador.

(Noticiário completo na página 2)



Um flagrante da chegada do governador

BRASIL JÁ TEM MÉDICO

Salvador, 29, março, 1549 (Do correspondente)

Dentre os inúmeros colonos hoje chegados a esta cidade com o governador Tomé de Sousa figura um médico, o dr. Jorge Valadares.

Valadares, ao desembarcar, disse-

nos que o deve esperar muito trabalho, já que ele é o primeiro médico a servir no Brasil. Sua estada na Bahia deverá coincidir com o tempo para o qual foi designado o governador: três anos.

Aos nossos leitores informamos que até hoje só curiosos e curandeiros exerciam a medicina no Brasil.

o Brasil em Jornal

1549 N.º 13	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

FRANCISCO XAVIER

CHEGOU AO JAPÃO

Kagoshima, Japão, setembro, 1549 (Do enviado especial)

Depois de uma viagem movimentada, que durou 51 dias, chegamos enfim a esta cidade, no dia 15 do mês passado: Francisco Xavier, dois outros padres, alguns japoneses convertidos, entre eles Anjiro, e o repórter de O BRASIL EM JORNAL.

Só mesmo a excepcional fé de Xavier tornou possível a viagem, pois todos os seus amigos de Goa tentaram demovê-lo do intento. «Os mares estão infestados de piratas — diziam eles — e as tempestades são terríveis. Em quatro navios, no máximo um se salva». Xavier preferiu não ouvir esses conselhos, e em abril partimos para Malaca, de onde, no dia 24 de junho, iniciamos a viagem para cá.

UM GRANDE POVO

O japonês Anjiro — que Xavier conheceu em Malaca e batizou-o com o nome de Paulo Santa-Fé, em Goa — tem sido muito útil para a missão dos jesuítas, pois esta cidade é a sua terra natal. Foi ele que nos pôs em contato com a população.

Xavier não cansa de dizer que o japonês é o melhor povo, de todos os recém-descobertos. Há aqui o sentimento de honra, o amor do saber, o gosto das armas. Uma grande parte

da população sabe ler e escrever. Só os bonzos (sacerdotes budistas) estão corrompidos pelos vícios.

TAMBÉM A CHINA

Daqui, Francisco Xavier pretende ir a Miako, para se apresentar ao imperador e percorrer as escolas da região. O seu sonho é, com a ajuda do imperador, penetrar na China. Confessou-nos que recomendará aos diretores do colégio de Goa, especial atenção para os jovens japoneses e chineses que lá estudam. Aos jesuítas de Malaca, pedirá carinho para dois bonzos que lá chegarão.



XAVIER
Coragem pela fé

Chega ao Brasil Governador Geral

Ao verem desembarcar tantos patricios que há muito tempo não viam, alguns degredados aqui fixados choraram de emoção.

Após o desembarque, Tomé de Sousa pôs sua gente em forma e marchou com ela rumo ao interior. Atrás das tropas de bandeiras desfaldadas, seguiam os missionários jesuítas, carregando o símbolo da atividade espiritual: a cruz. Chegando a um monte, os religiosos ali a depositaram. O governador, do alto do morro, observou a situação do local, a fim de escolher o sítio mais apropriado para a cidade.

Segundo nos disse, o local escolhido pelo rei não era o ideal. — O que me parece mais adequado para construção da cidade, fica a meio caminho entre a velha aldeia de Pereira e o lugar indicado pelo rei, assegurou-nos Tomé.

Concluindo, adiantou-nos o governador que a escolha do local dependerá de decisão do conselho de altas personalidades.

OBRAS NA CIDADE

Salvador, abril, 1549 (Do correspondente)

Foi confirmada a opinião de Tomé de Sousa: a cidade de Salvador ficou mesmo entre a antiga Vila Pereira e o ponto indicado por D. João III. Imediatamente foi mandada construir uma cerca de proteção e as obras tiveram início, segundo planos do arquiteto Luís Dias.

Ontem, último dia de março, foi rezada uma missa pelos jesuítas. Os índios que a assistiram portaram-se com muita devoção.

Os jesuítas, por suas próprias mãos, deram início à construção de sua igreja, enquanto a gente do povo levanta as casas onde vai morar.

Luís Dias, falando a O BRASIL EM JORNAL, disse que, apesar da terra ser muito boa, a gente tem seus defeitos. Por isso, nos planos para a construção da cidade consta o de se levantar uma cadeia bastante forte.

CORPO DE DEUS

Salvador, 13, junho, 1549 (Do correspondente)

Hoje, data em que se celebra a festa do Corpo de Deus, a cidade, ainda em meio às obras, viveu um dia de intensa movimentação.

Uma solene procissão atravessou as ruas de Salvador, ao som dos disparos de artilharia.

INSPEÇÃO

Salvador, novembro, 1549 (Do correspondente)

Para inspecionar a costa do Brasil, onde há inúmeras capitâneas abandonadas, partiram Pero de Góis, Pero Borges e Antônio Cardoso.

Segundo nos declarou Tomé de Sousa, o ouvidor Pero Borges não irá a Pernambuco, que está isento da intervenção da magistratura.

OS PREPARATIVOS

Almeirim, 7, janeiro, 1549 (Do correspondente)

— «Conservar o Brasil e serviço de Deus e, para isso, torna-se necessário que o fortaleçamos» — com estas pala-

Seu ordenado será de 400 mil reais anuais.

AUTORIDADE SUPREMA

Aos capitães do Brasil o rei recomenda que prestem obediência ao governador ora nomeado, apesar mesmo das cartas de doação passadas antes.



TOME DE SOUSA

Saberá governar o Brasil?

Nq que colidirem, os atuais poderes dos capitães do Brasil ficam derrogados, diante da investidura de Tomé de Sousa.

bras o rei de Portugal, D. João III, assinou, hoje, a nomeação oficial de Tomé de Sousa para o cargo de governador-geral do Brasil.

Entre as medidas acessórias determinadas pelo rei figuram: construção de uma fortaleza na baía de Todos os Santos, a fim de defender o país, distribuição de justiça mais eficiente etc.

Em seu despacho, diz o narca:

— «Tenho inteira confiança em Tomé de Sousa. Ele saberá servir-me com a diligência e cuidado com que até agora me tem distinguido.»

O mandato do novo governador é de três anos de duração.

DE LUTO A CRISTANDADE

(Continuação da 1ª pag.)

Embora renascentista, com profundas preocupações artísticas e literárias, sem ter conseguido se livrar da antiga e arraigada mácula de nepotismo, foi Paulo III quem iniciou o caminho reformador que deveria conduzir ao robustecimento da Igreja ante a terrível expansão protestante.

Em 1536, instituiu várias comissões cardinais com o objetivo de preparar a reforma da Igreja e dos ofícios eclesiásticos, e favorecer o trabalho do Concílio ecumênico que tinha prometido realizar em 1534.

Complicações de política exterior — em particular a animosidade dos protestantes, as vacilações de Carlos V e a atitude reservada de Francisco I — impediram que o concílio se reunisse em Mantua, em 1537, ou em Vicenza, em 1538, tal como havia sido projetado. Depois do fracasso dos «colóquios» com os protestantes e com a atitude decidida de Carlos V em pôr fim às extralimitações dos confederados de Esmalcalda, pôde Paulo III inaugurar, em 1545, o concílio de Trento, cuja primeira convocação tinha sido anunciada em 1542.

NAO DECEPCIONOU

Em rápida enquete, BRASIL EM JORNAL ouviu as impressões dos homens mais representativos da Igreja; todos, lamentando a morte de Paulo III, afirmaram que ele não decepcionou os que lhe haviam confiado o Papado.

Sua política se baseou na mais estrita neutralidade entre os interesses defendidos por Francisco I e Carlos V. Apoiou todas as propostas no sentido de uma paz definitiva entre os dois poderosos rivais, e a ele se deve, em grande parte, a trégua de Niza, em 1538, e a

paz de Crepy, em 1544. Seu pontificado é decisivo na história do ressurgimento católico deste século.

A posse do novo governador, segundo fonte autorizada, depende apenas do cumprimento de uma formalidade: juramento de fidelidade diante dos Evangelhos. Seu embarque ocorrerá, o mais tardar, até começo de fevereiro.

Segundo um informante da côrte, o rei D. João III indenizou o herdeiro de Francisco Pereira Coutinho, ex-donatário da Bahia.

Pela transmissão de todos os direitos àquela terra, o filho de Coutinho receberá um padrão de 400 réis de juros por ano.

NOMEAÇÕES

Almeirim, 14, janeiro, 1549 (Do correspondente)

Continuaram, hoje, as nomeações de pessoas que seguirão para o Brasil, a fim de assumir postos de importância.

Em dois atos simultâneos, D. João III designou Luís Dias para chefe das construções civis no Brasil e seu sobrinho, Diogo Peres, para mestre-pedreiro.

Outros nomeados: Diogo de Castro, farmacêutico, e Miguel Martins, encarregado de fabricar cal para as obras.

Mais três designações, feitas no fim do ano passado, foram agora tornadas públicas. São as de: Antônio dos Reis, escrivão da provedoria, Pedro Ferreira, tesoureiro das rendas e Miguel Moniz, escrivão dos contos.

A FROTA

Lisboa, 24, janeiro, 1549 (Do correspondente)

A esquadra que levará para seu posto o novo governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, está pronta em Belém (porto desta cidade).

A informação é oficial, já que procede do tesoureiro-mor do reino, Fernando Alvares de Andrade.

Segundo o mesmo Andrade, a esquadra só não partiu porque está à espera de algumas autoridades, ora em Almeirim, onde se encontra a côrte.

Pero Borges, ouvidor-geral (o mais alto cargo de justiça para o Brasil); Antônio Cardoso de Barros, provedor-mor (o mais elevado posto em questões fazendárias), Pero de Góis (comandante da esquadra para o Brasil), o chefe das construções e engenheiro Luís Dias e os sacerdotes estão, ao que se informa, recebendo as últimas instruções de D. João III.

A estação é muito propícia para a viagem e o tesoureiro Andrade, no seu informe ao rei, recomenda que as autoridades se apressem.

— «A soldadesca de bordo está ansiosa para embarcar. Muitos, conclui Andrade, já estão reclamando do atraso na partida da frota, já que a alimentação que lhes servem é muito pobre.»

Novo Papa está sendo escolhido

Roma, 12, dezembro, 1549 (Do correspondente)

Todo o mundo católico está com os olhos voltados para esta cidade, acompanhando os vários escrutínios que vêm sendo realizados desde o dia 3 deste mês, para eleição do novo Papa.

Dos 54 cardeais vivos, 24 estavam em Roma por ocasião da morte de Paulo III e doze outros chegaram a tempo de entrar no conclave, que foi fechado no dia 30 de novembro. Desde a abertura da reunião, notou-se logo que dois partidos entrariam em luta: o partido imperial e o partido francês, que não se apresentou completo no início.

POLE NA FRENTE

No primeiro escrutínio, secreto, do dia 3, houve grande emoção, quando constatou-se que o candidato imperial Reginaldo Pole, primo do rei da Inglaterra e terceiro legado no Concílio de Trento, obtivera 21 sufrágios. Como havia 41 cardeais presentes, a maioria dos dois terços para que houvesse eleição era de 28. No dia seguinte, o espanhol Pacheco, que acabava de chegar, tomou parte no escrutínio. Pole teve, então, 24 votos.

Receosos, os cardeais do partido francês advertiram o embaixador de França, Urfé, que se apresentou à porta do conclave, para uma importante comunicação: não se podia proceder à eleição sem esperar os cardeais franceses que estavam a caminho. Se ele não fosse ouvido — disse — haveria um cisma, porque o rei não reconhecera o Papa eleito sem a participação de seus cardeais.

SURPRESA

O terceiro escrutínio, no dia 5, foi palpitante. Três cardeais, que se mostravam dispostos a apoiar Pole — Morone, Cesi e Gaddi — tinham, secretamente, prometido aos franceses que só adeririam a Pole, se este obtivesse, sem eles, 26 sufrágios. Faltou apenas

um voto para que se atingisse este número decisivo.

Em meio a um silêncio impressionante, o deão de Cupis perguntou se alguém queria aderir. Os partidários de Pole, com acenos, pediram esse voto ao partido adversário. Ninguém se mexeu. A sessão foi suspensa e os imperiais, que já estavam certos da vitória, retiraram-se decepcionados.

CAUSAS DO FRACASSO

Roma, 12, dezembro, 1549 (Do correspondente)

O BRASIL EM JORNAL apurou que a principal causa do fracasso de Pole está sendo atribuída ao temor dos italianos em aceitar um Papa estrangeiro (Pole é inglês), depois da experiência de Adriano VI.

Objeta-se, também, que Pole tem pouca experiência nos negócios e lançaria a Santa Sé numa guerra contra o novo rei da Inglaterra, Eduardo VI. Outra causa apontada pelos observadores é a presença do cardeal Carafa, muito rígido em matéria de doutrina e contrário a Pole. Todos citam o fato de ter Carafa reprovado Pole, por ser este partidário da dupla justificação adotada no colóquio de Ratisbonne, em 1541.

REFORÇO

Pouco antes de encerrarmos esta edição, recebemos a comunicação urgente de que os quatro cardeais haviam chegado enfim. São eles: Jean Du Bellay, Carlos de Guise, Odet de Châtillon e Bourbon-Vendôme. A chegada desses cardeais causou profunda depressão nos imperiais.

O nosso correspondente informa, ainda, que o chefe do partido francês é, agora, Carlos de Lorraine, não pela sua idade (mais ou menos 25 anos), mas em razão de seu nome e de sua influência política. Podemos adiantar em primeira mão que Carlos patrocinará a candidatura de seu tio, João de Lorraine.

DRAMÁTICA SITUAÇÃO LUSA NA ÁFRICA



AUGSBURGO — Vista atual da cidade que é centro de grandes debates religiosos e políticos

**DESAPARECE
GRANDE
VULTO DO
RENASCIMENTO**

**MORREU MARGARIDA
DE NAVARRA**

Paris, 1549 (Do correspondente)

A mais completa expressão feminina do Renascimento francês acaba de morrer: é ela Margarida d'Angoulême, rainha de Navarra, irmã e conselheira de Francisco I. Mulher de grande cultura (falava italiano, espanhol, alemão, latim, grego), notabilizou-se pela assistência que dava às artes e às letras, contando-se entre seus protegidos o poeta Marot.

O traço mais original da natureza de Margarida de Navarra era o lugar que ela dava ao sentimento. Daí seu misticismo, seu apaixonado amor a Deus, sua transbordante ternura e sua piedade pelas vítimas dos poderosos.



Todos os movimentos, tôdas as tendências da época se encontram nela. Em Alençon, em Bourges, em Nérac, em Pau, em tôdas as suas residências, e mesmo em viagem, ela achava-se sempre cercada de poetas e de sábios que eram seus secretários e protegidos. Nos círculos literários informam que a rainha deixou um livro, a ser publicado em breve. A obra, que deverá chamar-se «Heptameron», é semelhante ao «Decameron» de Boccaccio.

O BRASIL EM JORNAL, que, em seus números anteriores, tanta atenção dedicou a Margarida, registra com enorme pesar a sua morte.

Importante declaração cardinalícia em Augsburgo

Augsburgo, 18, agosto, 1549 (Do correspondente)

O cardeal Otto von Truchsess subiu hoje ao púlpito da catedral desta cidade, para proclamar que o «Interim» não continha nada de criticável, pois o Papa havia concedido os indultos necessários para a comunhão sob as duas espécies e para o casamento dos padres.

Esta declaração só foi possível depois do acôrdo, custoso, entre os representantes de Paulo III (Bertano, Lippomani e Pighini) e o imperador, no dia 3 de janeiro. A surpreendente condescendência do Papa em relação a Carlos V, depois da geral resistência ao «Interim», tem uma explicação: ele não conta mais com o apoio da França e não perde de vista o negócio Piacência-Parma.

REAÇÃO INICIAL

Logo que o Papa tomou conhecimento do «Interim», submeteu o texto a uma comissão de teólogos, em Roma e Bolonha. Ambrósio Catharin e Jerônimo Seripando foram os que se pronunciaram sobre o assunto, em Bolonha. A conclusão foi enviada, em relatório de 2 de maio de 1548, ao cardeal Farnésio, e constava de dois pontos principais: 1 — Não se devia afastar das decisões do concílio, em particular sobre o pecado original e a justificação; 2 — Sobre os pontos ainda não definidos no concílio, o texto do «Interim» estava sujeito a várias críticas, que eles mesmos indicavam. Outras comunicações vieram completar este primeiro julgamento.

INDIGNAÇÃO

O pior foi quando chegou a Roma a notícia de que o imperador faria do «Interim», antes de qualquer entendimento com o Papa, a lei

religiosa da Alemanha, sem levar em consideração, ainda, os decretos conciliares já criados em Trento. No consistório de 25 de maio, foi grande a indignação dos cardeais. Os franceses se mostraram particularmente agressivos. Consideravam definitiva a ruptura entre o Papa e o imperador e, como consequência, a união do primeiro com o rei de França.

PAULO III REJEITOU

No dia 4 de junho, Mendoza veio tentar justificar com o Pontífice a atitude de seu mestre. Paulo III rejeitou, com energia, as explicações. O imperador, disse ele, estava sendo levado por maus conselheiros; o «Interim» continha cláusulas inadmissíveis e constituía uma intromissão intolerável do poder civil no terreno religioso.

Nesse momento a exasperação do Papa estava no auge. Chegou mesmo a dizer ao cardeal Farnésio, por carta, que esperava sobreviver ao imperador, ou então, daria antes da morte um golpe que assombraria o mundo.

A APROXIMAÇÃO

A princípio, houve esperança de que um acôrdo seria possível, principalmente depois da audiência de 2 de julho, nesta cidade. A escolha de Bertano como nuncio não desagradou ao imperador, pelo contrário, pois ele estava estreitamente ligado a Madruzzo e era conhecido de Carlos V. Depois, novas complicações surgiram: Henrique II apareceu no Piemonte e Otávio Farnésio achou que era o momento de vingar seu pai e de retomar Piacência.

O complot, no entanto, foi descoberto e o rei de França recuou diante dos incidentes da política interior. Foi quando Paulo III pensou de novo em uma aproximação com Carlos.

Em diplomacia:
PORTUGAL 1
FRANÇA 0

Paris, 12, dezembro, 1549
(Do correspondente)

A diplomacia portuguesa obteve, hoje, importante vitória nesta cidade: o rei de França, Henrique II, atendendo às ponderações de D. João III, resolveu revogar as cartas de marca.

Conforme vimos noticiando, tal concessão, feita a corsários em França, vinham criando sérios embaraços ao comércio exterior de Portugal. Os navios lusos eram, com muita frequência, atacados em alto-mar e despojados de tôdas as mercadorias. Este procedimento motivou represálias portuguesas e causou inúmeros conflitos.

A revogação, hoje assinada, é válida por dez anos.

Londres, 1549 (Do correspondente)

A intriga palaciana colheu mais um de seus frutos: John Dudley, conde de Warwick, é o novo homem-forte do governo inglês, pois o primeiro-ministro Eduardo de Seymour, duque de Somerset, tio do rei, caiu em desgraça.

Com a queda de lord Somerset, Guilherme Cecil foi encerrado na torre desta cidade. Cecil, graças à influência de seu pai e à sua habilidade política, fez uma carreira brilhante, tendo sido nomeado para um cargo da corte em 1543, e eleito deputado à Câmara dos Comuns, pelo distrito que sua família possuía em Stamford. Neste mesmo ano começou a servir lord Somerset.



DUQUE DE SOMERSET
Não é mais «homem forte».

Fêz, 29, janeiro, 1549 (Do correspondente)

Consumou-se, hoje, mais um capítulo da guerra religiosa no Norte da África: as forças do Xerife entraram nesta cidade, após breve cerco.

Boaçum, rei de Beles, que defendia Fêz, salu secretamente da cidade com os soldados que pôde levar. Fala-se, aqui, que ele vai pedir a proteção da Espanha.

As praças portuguesas no Norte da África estão, em consequência, sob grave perigo.

UM FORTE CONTRA XERIFE

Lisboa, 12, fevereiro, 1549 (Do correspondente)

A notícia da ocupação de Fêz pelas tropas do Xerife estourou, hoje, como uma bomba, nesta capital.

Um porta-voz da chancelaria portuguesa considera mesmo perdida a cidade de Alcácer, que estaria nas cogitações do Xerife, para daí lançar seus navios no Estreito.

Depois de demorada reunião com o conselho, o rei D. João III decidiu mandar construir em Alcácer um forte para a defesa da cidade. Luís de Loureiro, capitão de Mazagão, foi chamado apressadamente a Lisboa. Segundo nosso informante, Loureiro é uma das pessoas mais experientes nos assuntos africanos. Outra providência para repelir qualquer agressão moura nas praças portuguesas está sendo tomada: é a estocagem de munição para as forças de além-mar.

ARABES UNEM-SE

Fêz, 19, março, 1549 (Do correspondente)

Chegou hoje a esta cidade o alcaide mouro de Tetuão. O Xerife desenvolve, assim, seu plano de reunificação contra os estrangeiros. A luta no Norte da África está iminente.

Ontem, foi o filho mais velho do Xerife que entrou nesta cidade. Fala-se, aqui, que entre o primogênito do Xerife e o filho segundo lavra forte dissensão. Ambos alimentam ambições sobre a partilha do Marrocos.

RECRUTAMENTO

Lisboa, 30, junho, 1549 (Do correspondente)

Para enfrentar a difícil situação norte-africana, o rei D. João III mandou pedir, hoje, licença a Carlos V para recrutar 5 mil combatentes em Castela.

Notícias vindas de Ceuta dão conta de um novo perigo. O corsário mouro Dragute Arrais estaria disposto a atravessar o Estreito, com 40 navios, e atacar a cidade portuguesa de Ceuta.

Da Espanha, todavia, apesar de chamada a atenção do imperador para o perigo comum árabe, nenhum apoio, ao que parece, virá para os portugueses.

Brasil tem govêrno

Fechou com chave de ouro, para o Brasil, o ano de 1548 e já agora êste país tem o que se pode, verdadeiramente, chamar de govêrno.

Aliás, a dar crédito ao que dizem os numerólogos, o ano passado tinha mesmo de ser benéfico: a soma de seus algarismos corresponde a 18, que, também, somado dá 9, considerado, pelos cultivadores da ciência das cifras, o número perfeito. Mas, deixemos de lado esta digressão pelos domínios numerológicos e busquemos na realidade dos fatos o que começamos por afirmar.

Foi, realmente, um fecho magnífico a decisão tomada nos Conselhos da Coroa Portúguêsa de acabar com o regime das capitánias e substituí-lo por um govêrno geral.

A esta hora, o homem escolhido por D. João III para a emprêsa de trazer o Brasil ao seio da civilização está em plena atividade. Era o que nós, aliás, sempre defendíamos para o país: um govêrno e, se possível, um governante.

Tomé de Sousa, em pouco tempo, deu mostras de estar à altura da situação. Veterano de África e de Ásia, é homem conceituado como de sã consciência e esclarecido pensar. Soldado e administrador, está talhado para esta missão, por sua energia, de que já deu mostras, como nos disse Nóbrega.

Os abusos que se vinham desenvolvendo à sombra das autoridades fragmentadas de capitães de ninguém, com exceções, claro, deverão acabar de uma vez por tôdas.

O país começa a ter seus problemas equacionados e isto dará, não temos dúvida, frutos que aproveitarão, se não à nossa, às gerações futuras.

Costumam os romanos, quando lhes anuncia o conclave a eleição de um novo pontífice, alegres por não se achar mais vago o sôlio de São Pedro, exclamar com ênfase: — «Papa habemus!» Temos Papa! Parafraseando os habitantes da Cidade Eterna, os brasileiros de boa vontade, que lutam pelas afastadas capitánias, ao longo de extenso litoral, construindo dêste lado do Atlântico um império de amanhã, podem exclamar, com esperança de melhores dias: Temos Govêrno!

ENSINO

Lisboa, 17, outubro, 1549 (Do correspondente)

Denúncias feitas ao cardeal Henrique, irmão do rei de Portugal e inquisidor-mor do reino, determinaram, hoje, importantes medidas por parte dêste: será uma devassa em torno do comportamento dos professores estrangeiros que lecionam no Colégio das Artes, em Coimbra. Uma fonte autorizada disse-nos mesmo que alguns mestres

deverão sofrer rigorosas punições. Entre os que infringem as regras de conduta, nosso informante adiantou estarem Diogo de Teive, João da Costa e Jorge Búcanan.

Em Coimbra, muitos boatos estão perturbando as relações entre mestres e alunos. O atual reitor Diogo de Gouveia (o reitor anterior era André de Gouveia, que morreu no ano passado) é apontado pelos implicados como autor da denúncia que motivou a devassa.



A MÓDA COMO ELA É

Para mocinhas, a última moda em vestidos é a que estampamos acima: colo justo, saia ampla e pregueada, indo até o chão.

A manga, também muito justa, é recortada na altura do ombro. No corpete, um friso em tecido mais escuro e enfeitado com contas douradas. Sôbre os ombros, as elegantes usam uma rêde finíssima de ouro. O conjunto, e isto é importante, completa-se com uma coroa de ouro, sôbre os cabelos soltos para trás.

MÚSICA

MÚSICA FAZ ALEGRIA DE PARIS — Paris, nesta primavera de 1549, é uma cidade alegre, embora não lhe faltem motivos para preocupações. A alegria, em Paris, está nas ruas e é feita pela gente do povo, em forma de música. No flagrante acima o leitor poderá ter uma idéia de quanto isto é verdade: até mulheres, com seus instrumentos musicais, em albergues à beira do Sena, espalham os sons de alegres canções. Nenhum instantâneo sôbre Paris teria mais autenticidade do que o que estampamos acima. Nêle está tôda a França, através do seu povo e de sua grande cidade.



COLUNA MILITAR

Noticia-se que o czar da Rússia, Ivan IV, cognominado o Terrível, instituiu em Moscou uma guarda pessoal, ou de corpo, composta de soldados escolhidos, que receberam o nome de strielitz, o qual se traduz do russo para o português como atirador.

Esses soldados são armados com pesados mosquetes, em cujos canos, depois de disparados, introduzem a haste de uma pequena alabarda e, assim, podem defender-se com uma arma branca bastante longa, contra a cavalaria.

Os oficiais inferiores, ao invés do mosquete, trazem a bardicha, semelhante à dos trabans suecos. É uma espécie de acha, de feio de foice, e de cabo comprido. Os oficiais armam-se com grandes cimarras.

O czar deu a essa sua guarda muitos privilégios, de modo que ela se tornará uma importante milícia, no futuro, até com influência política, como foram outrora os pretorianos em Roma.



COLEÇÕES NOS ATRASADOS E ASSINATURAS

Infelizmente não podemos, de modo algum, atender a pedidos de números 1 e 2, a não ser para compra de coleções COMPLETAS, isto é, dos números 1 a 12.

A cada dia que passa diminui o estoque dos exemplares já publicados e os nossos leitores compreenderão que não podemos desfalcar coleções inteiras.

Para os números de 3 em diante ainda dispomos de quantidades capazes de atender pedidos isolados.

As assinaturas só podem ser feitas a partir do número em circulação, neste caso, do número 13 ao 36. A coleção de atrasados é vendida separadamente.

Os pedidos devem ser feitos pessoalmente ou por carta, com valor ou cheque para os endereços discriminados no "Expediente" desta página.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretários
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
ADAIL

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

Pernambuco exige liberdade comercial

Olinda, 14, abril, 1549 (Do correspondente)

Pernambuco, sob ameaça de intervenção econômica, enviou hoje, através de seu governador, o sr. Duarte Coelho, veemente protesto ao rei de Portugal, D. João III.

A reclamação de Coelho versa, principalmente, sobre os negócios de pau-brasil. Em Olinda correm rumores de que D. João III estaria disposto a ceder os direitos de exploração da madeira de tingir a alguns mercadores, pelo prazo de 20 anos. Tal concessão incluiria as terras doadas a Duarte Coelho, o que causou grande alvoroço nesta cidade.

DESCONTENTAMENTO

— Fala-se em suprimir a liberdade de comércio e de privilégio, mas o mais certo seria justamente fortalecê-la, declarou-nos o governador, visivelmente contrariado.

Coelho esclareceu-nos que soube da notícia por seu amigo Manuel de Albuquerque, ora em Portugal.

— Acredito na informação, prosseguiu ele. Há gente, em Portugal, querendo aproveitar-se das circunstâncias e tentando enganar o rei. Sobre os

acontecimentos, mandei, hoje, uma carta a D. João III. Nela chego quase a ser rude. Desmascaro os objetivos escusos de armadores e contratadores aventureiros.

POVO NAO GOSTOU

— Muitos moradores de Olinda, que aqui possuem bens, ficaram revoltados com a notícia. Sabemos de experiência própria, o que são comerciantes inescrupulosos. Houve um

conselho para examinar a situação e ficou assentado que se dirigiria ao rei uma petição.

Duarte Coelho declara-nos que teve muito trabalho para pacificar os ânimos.

— Em minha carta e na petição do conselho expomos nossas dúvidas sobre a conveniência da medida. Pedimos que Pernambuco seja poupado à razão, que o nosso continue nosso, enquanto durar tal concessão.

Eu, pessoalmente, solicitei que me permitissem enviar para Portugal certa quantidade de pau-brasil, a fim de cobrir despesas necessárias ao bom andamento da colonização. Acredite, concluiu, nossa situação é extremamente difícil: já não consigo em Portugal quem me empreste dinheiro a prazo. A concessão sobre nossas terras seria a ruína econômica.



As ninfas da fonte

Paris, 1549 (Do correspondente)

Um ano após terem produzido, por ordem de Francisco I, a admirável fachada oeste do palácio do Louvre, o arquiteto Pierre Lescot e o escultor Jean Goujon terminaram a "Fonte dos Inocentes".

Lescot tornou-se muito conhecido por ocasião da escolha do arquiteto para a reconstrução do Louvre. Francisco I havia indicado primeiro o italiano Serlio, cujo projeto, no entanto, não satisfiz. Foi então que Lescot, voltando de uma viagem à Itália, apresentou um projeto, que o próprio Serlio preferiu ao seu.

Uma grande parte da beleza da fachada é atribuída aos baixos-relevos de Goujon, esculpidos com traços tão precisos, que produzem uma ilusão de ótica impressionante. Aliás, todas essas características estão presentes nas Ninfas da "Fonte dos Inocentes"

INVENTOR ESPANHOL ABRE ESTRADAS NA CIDADE DO SALVADOR

Salvador, novembro, 1549 (Do correspondente)

Ex-boticário de Sevilha, na Espanha, e inventor de um aparelho para determinar longitudes, está nesta cidade, chamado pelo governador Tomé de Sousa.

Trata-se de Filipe de Guillen, já radicado no Brasil há mais de 10 anos, a quem o governador deu a incumbência de construir um caminho entre esta cidade e um lugarejo conhecido pelo nome de Ribeira.

Guillen, que serviu, durante algum tempo, ao capitão da Bahia, Francisco Coutinho, já morto, estava em Ilhéus, para onde fôra em busca de ouro. Ali, ao que nos informou o próprio Guillen, foi juiz e vereador.

Sobre a personalidade do construtor de estradas tivemos uma sensacional revelação. Nosso informante, dado o prestígio de que desfruta Guillen, quis manter-se em segredo e disse-nos:

«O espanhol já foi até avaliador de cargos em Portugal. Isto há uns bons 20 anos. Ganhou, pelo instrumento que inventou, cerca de 25 mil reais de pensão. Mas sua sorte virou quando o rei D. João III designou um astrólogo para experimentar praticamente a invenção. A coisa foi um fiasco e Guillen tratou de fugir. Na fronteira de Portugal com a Espanha foi preso. Estes acontecimentos são públicos já que o grande escritor português Gil Vicente, na época, glosou-os à larga.»

HOMEM DA JUSTIÇA QUER SER DESEMBARGADOR.

Lisboa, 17, janeiro, 1549 (Do correspondente)

Pero Borges, a mais alta autoridade em questão de justiça no Brasil (seu poder depende mesmo do de Tomé de Sousa), conseguiu, em dois dias apenas, importantes triunfos.

O primeiro, segundo fontes oficiais, foi a promessa de alcançar do rei, caso se desempenhe a contento das missões que o levam àquele país, o posto de desembargador da suplicação de Portugal.

A outra vitória do homem forte da justiça no Brasil diz respeito a sua mulher.

D. João III, em ato de hoje, conferiu a ela (Simoa da Costa) o abono de 40 mil réis anuais.

Uma destacada personalidade na corte, já com viagem marcada para o Brasil, disse-nos, a propósito dos favores alcançados por Pero Borges:

«Lamentavelmente, dá-se a um homem prepotente poder de julgar pessoas de qualidade até a pena de degrêdo de 5 anos. Acredito que os brasileiros terão motivos de sobra para queixar-se dele. Borges, para agradar D. João III, será capaz de tudo. Quanto ao abono para sua mulher, absolutamente descabido, considero-o iníquo. Muitos de nós deixaremos em Portugal nossas mulheres quase ao desamparo, e nem por isso pleiteamos favor algum ao rei.»

MÃE E FILHO, EM DOIS NAUFRÁGIOS, PERDEM TUDO

Ilha de Santa Catarina, Brasil, maio, 1549 (Do correspondente)

Cerca de 60 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, vindos da Espanha com o governador de Buenos Aires, sr. Diego de Senabria, estão passando fome e sede nesta ilha do sul do Brasil.

Senabria saiu de São Lucar, na Espanha, há pouco mais de um mês. Seu navio desgarrou e, nas costas do Brasil, veio ter a esta ilha, onde naufragou. Nos outros navios (mais dois), viajavam a mãe do governador, D. Mência de Calderón, e suas irmãs.

Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, o sr. Senabria disse que não sabe o paradeiro de sua família, mas acredita que os capitães dos navios em que ela está distribuída vão levá-la a Buenos Aires.

ESTÃO SALVOS

Itanhaém, Brasil, maio, 1549 (URGENTE — Do correspondente)

Um navio espanhol que se destinava a Buenos Aires naufragou ao largo desta cidade. Os naufragos, pessoas da mais alta estirpe em Espanha, perderam todos os seus haveres no naufrágio.

Entre as pessoas que se salvaram estão: a mãe do governador de Buenos Aires (que também naufragou, segundo nosso despacho anterior) sra. Mência Calderón, suas duas filhas (Mência e Maria), o aventureiro alemão Hans Staden (que já combateu índios em Pernambuco) e o capitão Salazar.

Hans Staden, um dos naufragos, já conseguiu emprêgo em São Vicente, para onde fôra levado pelos índios tupiniquins. Seu patrício Cleodoro Ewban, que tem a seu cargo a direção de um engenho de açúcar em São Vicente, colocou-o como funcionário da usina açucareira.

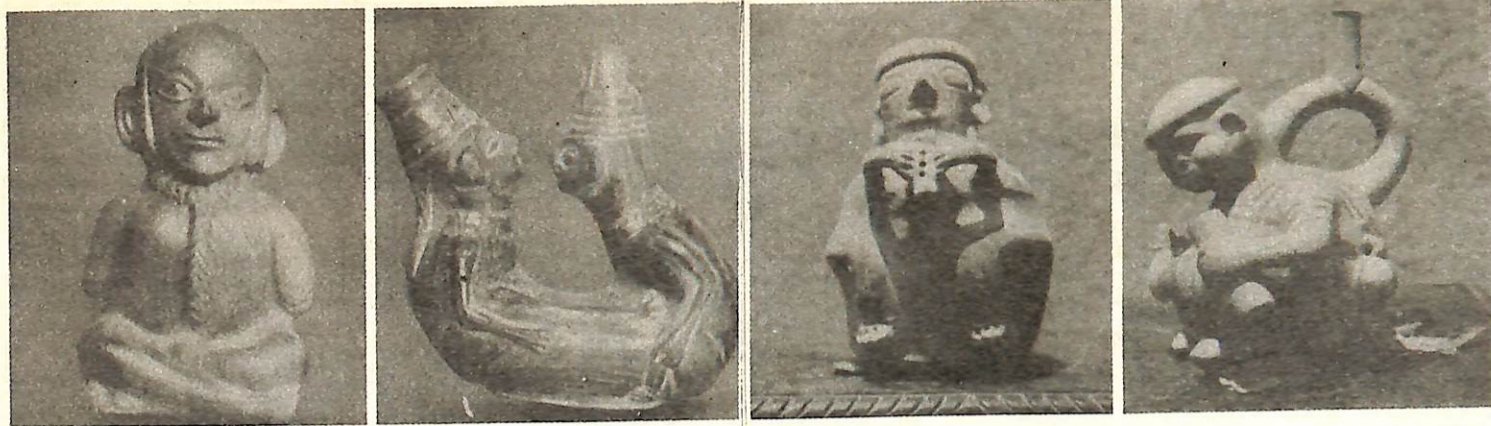
Começam a receber servidores do Brasil

Bahia, 1º, maio, 1549 (Do correspondente)

A partir de hoje, segundo o provedor-mor da Fazenda do rei D. João III, sr. Antônio Cardoso de Barros, começam a vencer os salários dos operários que constroem esta cidade, sede do governo no Brasil.

Também hoje começou a servir, fazendo jus a salários, o provedor da Fazenda na fortaleza de Salvador da baía de Todos os Santos, sr. Rodrigo de Arguelho, antigo porteiro da rainha D. Catarina.

Dentre outros que já agora estão percebendo seus vencimentos figuram: Pero de Góis, capitão-mor da costa do Brasil, e Antônio Cardoso de Barros, provedor-mor (ambos a partir de 1º de abril). Gaspar Lamego, contador-mor de todo o país, começou a vencer seu ordenado a partir de 11 de abril passado.



As gravuras mostram a que grau de sensibilidade artística chegaram os incas. Na 1ª vê-se um "prisioneiro garroteado"; na 2ª, um "idílio"; na 3ª, um "tocador de flauta" e na 4ª, um "secretário"

Um repórter desvenda o mistério dos incas

O BRASIL EM JORNAL visita o Templo do Sol

Depois de fazer tóda a «cobertura» sôbre a sangrenta rebelião do Peru, o repórter de O BRASIL EM JORNAL, agora que, graças à habilidade de Pedro de la Gasca, o país está calmo, aproveitou para mostrar aos leitores a beleza e o mistério dêsse fabuloso império inca, que tanta sedução despertá no estrangeiro.

Cuzco, capital do império inca, 1549 (Do enviado especial)

Quando os conquistadores espanhóis pisaram as terras peruanas, ficaram deslumbrados com êsse mundo de belezas exóticas. Os gigantescos monumentos, a civilização estranha, a paisagem grandiosa, as mulheres; enfim tóda essa misteriosa região despertou nos companheiros de Francisco Pizarro uma profunda atração.

Impressionado pelos relatos dos homens da expedição, o repórter de O BRASIL EM JORNAL resolveu percorrer essas terras montanhosas, onde tradição e lenda se confundem, para enviar suas impressões aos nossos leitores.

O TEMPLO DO SOL

Chegamos a Cuzco, à tarde, quando as silhuetas das ruínas das tôres e das montanhas se projetavam sôbre o céu invadido pelo crepúsculo. A primeira coisa que procuramos conhecer foi o «Cori-Cancha» — a cêrca de ouro — sede espiritual do império inca.

A mais impressionante construção dêsse lugar destinado aos sacerdotes incas, é o «Inti-huasi», construído pelo fundador da dinastia: o primeiro Inca, Manco Capac. O aspecto exterior é modesto, contrastando com as suntuosas paredes internas, recobertas de ouro. Um grande disco de ouro, voltado para o sol nascente, ocupa o centro do altar. É sem dúvida, a representação de Viracocha, «o mestre eterno do mundo, seu fundamento». À direita está uma estátua do Sol, aureolada de raios, como um Cristo ressuscitado, e à esquerda uma estátua de prata da Lua, irmã e esposa do deus Sol.

Ao pé do altar estão dispostas as estátuas de Pacha-Mama e de Mama-Cocha, símbolos da terra e do mar, encimadas por quatro estrêlas. Ao lado, sete círculos envolvendo, cada um, um ôlho, representam «os olhos do criador de tódas as coisas», isto é, Viracocha, o deus supremo da mitologia inca.

Como vimos nos motivos predominantes do templo, o Sol tem uma importância ex-

cepcional na vida dos incas. É encarnado por Viracocha, um deus andarilho, que gosta de percorrer montanhas e pampas, acompanhado de um pássaro — Inti — conhecedor de tódas as coisas.

Outros elementos da natureza são considerados deuses secundários: a tempestade, o arco-íris, certos rochedos etc.

A «huaca» era uma força misteriosa e sobrenatural que tinha grande influência sôbre a vida dos homens. Qualquer pessoa ou objeto podia ser habitado por uma «huaca», que era também o espírito protetor do clã.

AS FESTAS

Segundo informações colhidas aqui, os incas celebravam, antes da chegada dos espanhóis, uma cerimônia religiosa por mês; as mais importantes eram a do ano novo e as dos solstícios. A morte de um chefe, a entronização de um novo Inca, a iniciação dos jovens, uma partida para a guerra, eram, também, motivo para comemorações.

Para a grande festa anual de Situa, que protegia a cidade contra os flagelos, todos os clãs se reuniam. O ritual compreendia oferendas de penas para abrandar a cólera das divindades. Os animais que não possuíam caráter totêmico, como o condor, eram sacrificados. Os sacrifícios humanos, reservados à entronização de um Inca, eram relativamente raros.

TRES CLASSES

A sociedade se compõe de três classes, tódas subordinadas ao Inca, que, na qualidade de grande sacerdote do Sol, ocupa o pósto mais alto da hierarquia social. Existem várias outras categorias de sacerdotes: adivinhos, hipnotizadores, sacrificadores. Os chamados «Amanta» tinham como única função transmitir aos mais moços a tradição.

A classe nobre, para a qual são recrutados todos os funcionários e delegados do Inca, bem como os oficiais do exército, compreende em primeiro lugar os membros da família do soberano. Os nobres carregam nas orelhas grossos bastões, sendo por isso apelidados pelos conquistadores, de «orejones». Estes, como o Inca, podem ter várias mulheres, o que é proibido ao povo. O cidadão simples não pode casar-se antes dos 24 anos.

O INCA

O Inca é, ao mesmo tempo, o chefe civil, religioso e militar do Estado. Não pode ter contatos ordinários com os humanos e é por isso que sua esposa oficial é obrigatoriamente sua irmã. É permitido, no entanto, dispor, à vontade, das virgens consagradas ao culto do Sol, que viviam isoladas. Quando êle morre, sua múmia é conservada no Templo do Sol.

Os Incas que governaram, através dos tempos, o império inca são: Manco Capac, Sinchi Roca, Lloqui Yupanqui, Mayta Capac, Capac Yupanqui, Inca Roca, Yahuar Huaca, Viracocha, Pachacuti Inca Yupanqui, Topa Inca Yupanqui, Huayna Capac, Huascar e Atahualpa.

A luta pelo poder entre os dois últimos, que eram irmãos, foi assistida pelos conquistadores. E são de Pedro Pizarro — que foi durante anos companheiro de Atahualpa prisioneiro em Cajamarca — as seguintes declarações:

«Tudo que êste senhor, considerado como filho do Sol, tocava era incinerado e as cinzas eram em seguida dispersadas para evitar que fôssem profanadas pelo contato de mãos impuras».

A ECONOMIA

Além das expedições militares, a principal ocupação dos incas é a cultura do solo, que só não é exercida pelos que

trabalham em artesanato. Segundo um plano rigoroso, as terras estavam divididas em três seções correspondentes ao sistema de castas em vigor. Os produtos da primeira seção eram reservados ao Sol; os da segunda, ao Inca e sua família, e os da terceira iam para a comunidade.

As transações comerciais se fazem à base das trocas. A moeda é desconhecida, mas os incas usam um sistema numérico decimal que permite uma contabilidade. São os «quipus», um cordão com um certo número de cordéis, cujos nós indicam, segundo a posição e o tipo, as unidades, as dezenas, as centenas ou milhares.

CABOT RECEBE PENSÃO



Londres, 1549 (Do correspondente)

Eduardo VI acaba de conceder uma pensão ao navegador Sebastião Cabot, responsável pela expedição que reconheceu uma parte do rio Paraguai.

Cabot, que partira em 1526 para o rio da Prata, é piloto-maior na Espanha desde 1516, tendo comandado um dos navios ingleses que descobriram Prima Vista em 1497. Filho de um grande navegador — João Cabot —, Sebastião é considerado por alguns, um intrépido marinheiro, enquanto outros negam a importância de seu papel como descobridor.

O BRASIL EM JORNAL, em destacada reportagem, contou as aventuras de Cabot, quando de sua passagem pelo Brasil.

JORNAL ECONÔMICO

Para os economistas, a situação dos portugueses no Norte da África é insustentável. As despesas ali feitas não têm a mínima compensação. Só em fevereiro do corrente ano de 1549 foram pagos a soldados cêrca de 2 mil e 700 cruzados. Nas obras que estão sendo feitas em Tânger gasta-se, no momento, cêrca de 5 mil cruzados. Arzila consome muito mais: 15 mil cruzados anuais.

Assim, o gasto com tais praças é muito maior que o lucro dali advindo.

JURISDIÇÃO

COMERCIAL

Paris, 1549 (Do correspondente)

O comércio francês recebeu com otimismo a notícia da criação dos tribunais consulares de Toulouse e Lião, pois, desta maneira, esboça-se na França uma jurisdição comercial, o que vem provar a existência de relações comerciais bastante ativas entre as diversas regiões do país.

A iniciativa vem mostrar, também, que, apesar da evidente insuficiência de vias de comunicação (principalmente estradas e canais) o progresso do comércio interno francês está tomando um grande impulso.

NEGÓCIOS

BONS

Reval, Estônia, 20, março, 1549 (Do correspondente)

Esta cidade está em plena febre de negócios. Um comerciante de regulares posses, aqui estabelecido, o sr. Tõnis Smidt, disse-nos que a época é muito propícia aos negócios de importação, embora não haja auxílio algum da parte das autoridades.

Smidt, que recebeu uma partida de linho de Narva (cidade próxima a Reval) e já tem praticamente comprador para o produto, deu-nos um exemplo do que são os negócios do momento.

— Todos os dias são tomados por transações e mais transações. No dia 1º de março, recebi grande remessa de linho. O peso não conferia com a nota e isso é um aborrecimento a mais. No dia 15, chegaram-me couros de bezerro. No dia 16 tive de providenciar o registro no livro-caixa de peles vendidas em fevereiro. Hoje, dia 20, será vendido o linho de Narva.

Segundo Smidt, os comerciantes em Reval têm algumas dificuldades a vencer: os barracões para depósito de mercadoria são caros, os empregados de que precisam ganham salários altos, e muita mercadoria é entregue deteriorada, o que encarece o preço dos produtos.

Concluindo, Smidt acentuou que, apesar de tódas as dificuldades, não só seus negócios como o de todos que comerciam, no momento, devem estar muito bons.

— Os lucros nunca faltam, afirmou êle.

CAPITULARAM OS MAIAS

Península do Iucatã, México, 1549 (Do correspondente)

Cessou tôda a resistência dos maias, povo desta região, ao conquistador espanhol.

A propósito, recorda-se que a península foi percorrida, pela primeira vez, por Hernan Cortez, em 1525. A resistência maia aos invasores foi das mais denodadas. Dois anos depois, Francisco de Montejo tentou subjugar-los e a luta entre os dois combatentes se estendeu por oito anos, terminando com o completo esgotamento das forças espanholas.

Agora, uma notícia surpreendente acaba de ser divulgada: o próprio filho de Montejo reduziu-os ao poder espanhol.



Veneza, 1549 (Do correspondente)

Jacó Robusti, o «Tintoretto», terminou no ano passado, aos 30 anos de idade, o seu quadro «O Milagre de São Marcos», encomenda que lhe havia sido feita pela Escola de São Marcos, desta cidade. Pelo seu movimento (são dezenas de personagens), pela força de seu claro-escuro, o quadro, misto tanto de extraordinária inspiração como de profunda observação, causou grande entusiasmo, ao ser inaugurado. Pedro Aretino, um dos críticos de maior renome de nossa época, escreveu uma carta ao pintor, felicitando-o, com apenas alguns reparos, pela magnífica obra que produziu.

ARTE

Paris, junho, 1549 (Do correspondente)

Sob este arco, que Jean Goujon construiu especialmente para a festa da chegada, Henrique II passou no último dia 16, quando entrou nesta cidade.

O «Arco do Triunfo da Porta de Saint-Denis», como foi chamado, é um dos monumentos com que Paris homenageou a entrada do rei. Tôdas as ruas estavam cheias de frontões esculpidos, colunas, estátuas, obeliscos e fontes.

Bronzino (Angiolo Di Cosmi), famoso pintor florentino, é o autor desse maravilhoso tapete que representa o festim de Baltazar, célebre passagem bíblica.



CANISIO DÁ SUA PRIMEIRA AULA

Ingolstadt, 26 novembro, 1549 (Do enviado especial)

O jesuíta Canisio, que chegou a esta cidade no dia 13 do corrente, deu hoje sua primeira aula sobre os sacramentos, no salão nobre da universidade local.

No principio da palestra, apenas uns quatro ou cinco estudantes de teologia se encontravam presentes. Aos poucos, no entanto, o número de assistentes cresceu e ao final a sala estava superlotada.

PROBLEMA PARA O GOVERNO

Londres, 1549 (Do correspondente)

Um grave problema está tirando o sono dos homens que governam este país: contar e empregar o proletariado errante, rebelado em consequência da expulsão, pelos proprietários, dos rendeiros que cercavam as terras e as aproveitavam como pastagens para carneiros utilizados na indústria de lã.

OS MOSCOVITAS

Viena, 1549 (Do correspondente)

O diplomata e escritor Sigismund Herbenstein acaba de publicar uma relação a que deu o nome de «Rerum moscovitarum commentarii».

O autor desses «Comentários das Coisas de Moscou» já foi embaixador do imperador Maximiliano I na Dinamarca, na Polônia, na Rússia, nos Países Baixos, na Boêmia e na Alemanha.

Em edição anterior, quando da sua chegada da Rússia, adiantamos alguns pontos do livro agora publicado.

H. NATURAL E POLITICA...

Espanha, 1549 (Do correspondente)

Gonzalo Fernandez de Oviedo, o autor do «Sumario de la historia natural de las Indias», publicado em 1526, vem de ampliar sua obra com o aproveitamento, este ano, de sua «Historia general y natural de las Indias», em que trabalhava há mais de vinte anos.

Oviedo fez-se notado pela interpretação que dá à sua

EM SOCIEDADE

Diana continua de luto porque prêto lhe cai bem...

De Bruxelas, confirma-se um «furo» de O BRASIL EM JORNAL: o filho de Carlos V acaba de ser jurado herdeiro. Agora, para que Filipe possa herdar, sem problema, todo o imenso império, haverá, dentro de um ano, em Francfurt, reunião dos príncipes alemães. Estes, assegurou-nos nosso informante, não estão muito propensos a aceitar o filho do imperador.

Segundo o próprio rei de França, Henrique II, os infantis noivos reais (Maria Stuart, 7 anos e Francisco — que deverá ser II —, 5 anos) estão se dando muito bem. Embora se conheçam há apenas um ano, já brincam como velhos amigos.

Muita gente acha que a princesa Maria Stuart está muito entregue aos Guises (sua mãe era uma Guise também). Acha-se que há perigo de que a menina, que um dia poderá governar a França como rainha, se preocupe demasiado com coisas perigosas... e dê muita importância ao modelo de virilidade daquela família.

Em Paris há duas correntes poderosas em torno da candidatura de João de Lorena às eleições pontificais.

A favorável ao cardeal francês é chefiada por Diana de Poitiers. O partido contra o cardeal é comandado por Montmorency. Ao que se diz, este último deu ordens aos cardeais

franceses para que impedissem a eleição de Lorena no conclave eleitoral...

O apoio de Diana de Poitiers à candidatura de João de Lorena ao pontificado católico pode custar-lhe caro. A favorita de Henrique II pode deixar de sê-lo de um momento para outro. Fala-se que este é o plano de Montmorency.

Diana, significando pouco para Henrique II, valerá menos ainda para as pretensões de Lorena.

Fala-se muito: o luto de Diana de Poitiers está durando mais do que devia. Seu marido morreu já há bastante tempo e nem por isso ela abandonou os vestidos pretos. Mas podemos informar que a duquesa de Valentinois não pretende mesmo usar outras cores. Motivo: o prêto cai-lhe à maravilha.

Por falar em preferência de cor, a rainha de França, Catarina de Médicis, tem também a sua. Ela mesma nos disse, outro dia: «Enquanto não tiver motivo para usar vestidos negros, não abandonarei o carmesim».

D. João III está em boa maré: depois de conseguir do rei de França a suspensão das cartas de marca, obteve outra e importante vitória diplomática: a Santa Sé concedeu a Portugal a criação de novo bispado, o de Portalegre.

LIVROS E AUTORES

«Historia natural», em que vai desde a descrição da natureza das terras americanas até a justificação da política imperial de Carlos V, pois, segundo acha, Deus elegeu os espanhóis para implantarem uma monarquia universal católica.

Em seu livro, Oviedo ataca violentamente os índios e des-

culpa, como accidental, a cupidéz e a violência dos conquistadores espanhóis. Eis uma frase: «Os índios são homens e não animais; mas são tão viciosos, vis, covardes, degenerados, supersticiosos, ingratos, falsos, preguiçosos e estúpidos que têm que ser tratados como animais».

Paris, 1549 (Do correspondente)

O poeta Joaquim du Bellay acaba de publicar o livro «Defesa e Ilustração da Língua Francesa» que, além de ser a primeira obra de vulto da crítica literária francesa, é o manifesto da «Pléiade» (ex-«Brigade»), escola que reúne o autor, Ronsard, Antoine de Baif, Ponthus de Thyard, Rémi Belleau, Jodelle e Dorat.

A obra está dividida em duas partes: na primeira o autor defende a língua francesa dos humanistas que teimam em escrever em latim. «É preciso escrever em francês», recomenda êle. A segunda parte é dirigida contra os poetas franceses displicentes, que desprezam a forma. O autor lembra a necessidade de valorizar a língua e a literatura francesas com empréstimos, com a criação de palavras novas e com a anexação dos «grandes gêneros».

Du Bellay, que tem apenas 29 anos, é considerado o mestre do soneto. Êle e Ronsard são os dois grandes poetas da aristocrática «Pléiade». Um outro livro foi publicado pelo mesmo autor: chama-se «L'Olive» e é composto de 50 sonetos em versos decassilabos. As más línguas dizem que o título é um anagrama de Viole, uma môça da alta sociedade, enamorada de Du Bellay. Os dois temas que dominam estes sonetos são a beleza da mulher e a obra do poeta. Apesar de um certo pedantismo mitológico, uma harmonia delicada da alma com a natureza atrai o leitor.





SODOMA: Visão e êxtase de Santa Catarina

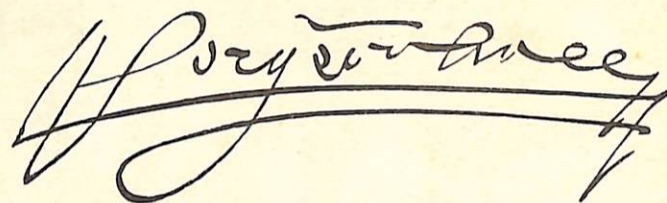
A ARTE PERDE UM MESTRE: SODOMA

Siena, Itália, 1549 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

Morreu, nesta cidade, Giovanni-Antonio dei Bazzi — o Sodoma — pintor de vários quadros célebres, entre eles o «Cristo Flagelado», sua obra-prima, pintado no convento dos Franciscanos de Siena, em 1514.

Sodoma nasceu em Vercelli (Piemonte), em 1477, e iniciou sua carreira compondo retratos. «A multiplicação dos pães», no refeitório do monastério de Santa Ana, contribuiu muito para sua fama.

Dêste mestre lírico podemos citar, ainda «São Sebastião», a «Descida de Cristo ao limbo» e, principalmente no convento de São Domingos, notáveis afrescos sobre a «Vida de Santa Catarina de Siena», em 1536.



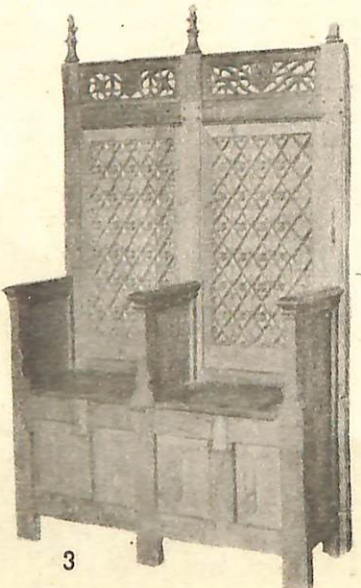
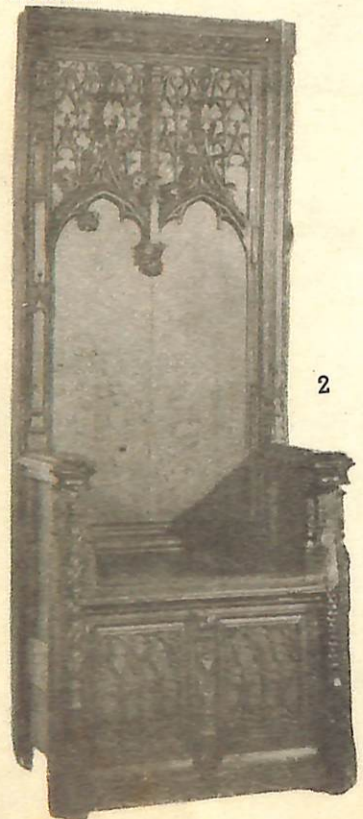
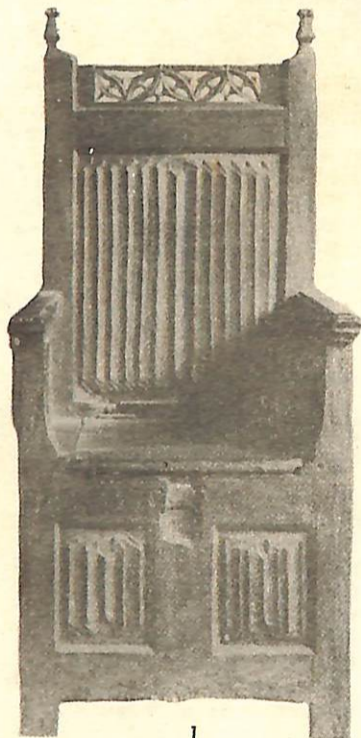
JORGE CABRAL

Pose e autógrafo especiais para O BRASIL EM JORNAL. É o substituto de Garcia de Sá na Índia.

DECORAÇÃO

A cadeira define o gosto de quem a escolhe e revela, ao primeiro instante, a situação econômica de um chefe de família. A guisa de curiosidade, mostramos, hoje, a nossos leitores, a evolução por que passou tal acessório do mobiliário.

A primeira é uma cadeira de século XIV. O encosto é de estilo pergaminho dobrado, motivo muito comum há 200 anos. A segunda é do século passado e já denota a influência do gótico no mobiliário: o encosto é bordado na parte superior. A última peça é de nossos dias e tem uma novidade: cadeira para duas pessoas e encosto alto (dois metros), ao gosto gótico. No assento, para proporcionar mais conforto, usam-se almofadas.



ERRO DOS HOMENS DÁ MAIS 10 DIAS AO MUNDO

Milão, 31, dezembro, 1549 (Do correspondente)

O homem que fixou, de acordo com o que está escrito no céu, a data de sua morte, falando a O BRASIL EM JORNAL, hoje, último dia do ano, disse que os homens se adiantaram a Deus e, em consequência, deram ao mundo pelo menos dez dias a mais.

Jerônimo Cardan, que assim nos falou, não é propriamente astrônomo. É matemático, médico e filósofo e a única vez que auscultou os astros foi para dizer que morreria em 1570.

Quanto aos dias excedentes é ele quem explica:

— Nós nos guiamos pelo calendário de Júlio César. Por ele, o ano consta de 365 dias e seis horas. Isto, todavia, não é exato. Já agora sabemos que o ano (tempo que a Terra gasta para dar uma volta completa em torno do Sol) é de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos. Assim, quando, seguindo as determinações de astrônomos do tempo do imperador romano, nós intercalamos no calendário mais um dia, de quatro em quatro anos, estamos avançando, para cada 365 dias, cerca de 11 minutos e 14 segundos. Em virtude deste erro que se vem acumulando há mais de mil anos, nós hoje nos adiantamos cerca de 10 dias. O equinócio, época em que o Sol passa pelo equador da Terra, recuou de 23 de março para 13 de março. Isto cria dificuldades à navegação marítima e devia ser corrigido, concluiu Cardan.

Goa, 14, junho, 1549 (Do correspondente)

Morreu, ontem, inesperadamente, o governador da Índia, Garcia de Sá. Hoje, o corpo, segundo sua vontade, envolto num lençol, foi conduzido no esquife da Santa Casa da Misericórdia para a igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde o enterraram na capela-mor.

O govêrno de Garcia durou pouco mais de um ano e não teve a assinalá-lo as grandes façanhas dos períodos anteriores. Mesmo assim, Garcia de Sá teve boa atuação à frente do executivo.

Concluiu pazes com o Hidalcão, recebeu várias embaixadas do Samorim, de Canará, Nizamaluco, Cotamaluco e outros príncipes indianos. O próprio sultão Mamud, rei da Cambaia, desgostoso pelos inúmeros reveses que os portugueses lhe infligiram, assinou com Garcia um tratado de paz.

No trato com seus auxiliares, o governador ora morto mostrou-se liberal, o que o fez muito benquistado. No início de seu govêrno, chegaram à Índia os primeiros missionários dominicanos.

CABRAL GOVERNADOR

Goa, 11, agosto, 1549 (Do correspondente)

A Índia tem, a partir de hoje, novo governador. O eleito pelo rei D. João III é o membro de seu conselho, Jorge Cabral. Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, Cabral adiantou que pretende trazer para a Índia sua esposa, D. Lucrécia.

A confirmar-se a declaração do próprio Cabral, esta será a primeira mulher de governador que se trasladará para a Índia.

Cabral adiantou-nos também que pretende, na medida do possível, fazer mais progressos espirituais, para o que contará com o apoio de Francisco Xavier.

JESUÍTAS AJUDAM A ALEMANHA

Roma, 1549 (Do correspondente)

Por instâncias do duque de Baviera, Guilherme IV, Inácio de Loiola mandou à Alemanha os padres Jayo, Salmerón e Canisio.

Sobre o objetivo da viagem, disse Loiola a O BRASIL EM JORNAL: «O fim principal dos meus companheiros é ajudar a Universidade de Ingolstadt e, se possível, toda a Alemanha, com respeito à pureza da Fé e obediência à Igreja. Como fim secundário tentarão criar colégios.»



Pedro Canisio terá como missão principal ajudar a Universidade de Ingolstadt